

Grande São Paulo despeja o equivalente a seis caminhões de lixo por dia na bacia do Alto Tietê

# Grande São Paulo despeja o equivalente a seis caminhões de lixo por dia na bacia do Alto Tietê

Volume de resíduos sólidos lançados diariamente é de 58 toneladas, afirma estudo inédito; descarte irregular e coleta insuficiente geram problemas ambientais e de drenagem, o que favorece enchentes e alagamentos

Fernanda Mena

**SÃO PAULO** Todos os dias, 58 toneladas de resíduos sólidos urbanos (RSU) são despejados nas águas dos rios e afluentes da Bacia do Alto Tietê, localizada na região metropolitana de São Paulo. A quantidade equivale ao conteúdo de cerca de seis caminhões comuns de lixo que vão parar diariamente nos corpos hídricos da região mais rica e urbanizada do Brasil.

Tamanho volume é composto tanto por resíduos lançados diretamente em córregos e afluentes da região como por aqueles descartados incorretamente em ruas e parques e arrastados para as águas pelo vento e pelas chuvas.

Esse descarte inadequado de resíduos faz parte da equação que causa alagamentos severos durante chuvas torrenciais como aquelas vistas na capital paulista na última sexta-feira (24).

O dado inédito, obtido pela Folha, faz parte de um estudo encomendado pela Fabhat (Fundação Agência da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê), braço executivo do CBH-AT (Comitê da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê).

O estudo foi financiado pelo Fehidro (Fundo Estadual de Recursos Hídricos) porque foi identificado que a presença de resíduos nos corpos hídricos era tamanha que se tornou um problema na bacia. Realizado pela Envex Engenharia e Consultoria, ele gerou um plano de gestão integrada de resíduos para a região.

“Esses resíduos vão parar nas barragens da bacia, causando potenciais impactos estruturais, além dos impactos ambientais como um todo”, explica o engenheiro ambiental Helder Nocko, um dos autores do estudo.

Instalamos ecobarreiras em rios representativos da região para reter os resíduos e identificá-los. E chegamos a esses valores muito surpreendentes: 58 mil quilos por dia.”

Ecobarreiras são estruturas flutuantes, colocadas de uma margem a outra do curso de água, capazes de reter os resíduos arrastados pela correnteza na superfície de córregos, afluentes e rios.

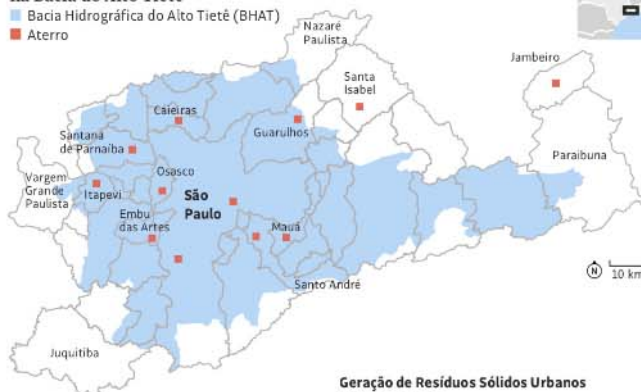
Para Solange Wufo Franco, diretora de controle e fiscalização da Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Suzano (SP) e coordenadora da Câmara Técnica de Gestão Ambiental do Condemat+ (Consórcio de Desenvolvimento dos Municípios do Alto Tietê), que reúne 14 municípios, o problema se agrava em tempos de mudanças climáticas.

“As chuvas torrenciais fazem a lavagem do solo e muito resíduo descartado vai entupindo bueiros e causando as enchentes, além de poluir as águas por causa da decomposição. A microdrenagem das bacias e a drenagem maior ficam muito prejudicadas com isso”, alerta.

De acordo com a Semil (Secretaria de Meio Ambiente, Infraestrutura e Logística) do governo paulista, que faz o recolhimento do lixo fluante ao longo dos 25 km do rio Pinheiros, afluente da Bacia do Alto Tietê, desde janeiro de 2023 foram recolhidas 77 mil toneladas de resíduos a um custo de R\$ 140 milhões.

“Criamos um painel na beira do rio chamado Lixômetro, que mostra aos cidadãos quanto foi recolhido e a qual custo. É um recurso que poderia estar sendo aplicado em outras políticas

## Estudo mostra impacto do descarte inadequado de resíduos na Bacia do Alto Tietê



### Bacia Hidrográfica do Alto Tietê (BHAT)

Área: 5.775 km²

Municípios: 42

População: 21,3 milhões de habitantes

### Geração de Resíduos Sólidos Urbanos (RSU) na região

7,1 milhões de toneladas/ano

• 55% é gerado no município de São Paulo

19.600 toneladas/dia

1,12 quilo/habitante/dia

195 mil pessoas sem coleta oficial de resíduos

58 toneladas de resíduos são despejadas nos rios e afluentes diariamente

Fonte: Plano de Gestão Integrada de Resíduos Sólidos da Bacia Hidrográfica do Alto Tietê, Envex 2025

### ⚠ Vetores do lixo são muitos, diz especialista

São muitos os vetores dos resíduos que vão parar nos rios, explica Helder Nocko, um dos autores do estudo. Primeiro, há 195 mil pessoas na Grande São Paulo que não têm acesso à coleta de resíduos domésticos, lixo que será descartado em rios ou pontos viciados de descarte.

Há também coletas ineficientes, como contêineres subdimensionados instalados em comunidades nas quais os caminhões de coleta não conseguem circular.

“As concessionárias instalam contêineres ao lado do rio, mas não são suficientes. O lixo fica para fora e, eventualmente, vai parar no rio”, explica a engenheira ambiental Fernanda Muzzolon Padilha, outra autora do estudo.

Há ainda o descarte de itens feitos nas ruas, que é arrastado para bocas de lobo ou diretamente para os rios

públicas”, explica a secretária da pasta, Natália Resende.

“A gente tem retirado, em média, duas piscinas olímpicas por dia de sujeira, sedimentos e outros materiais do fundo do rio Tietê e seus afluentes. Em dois anos, foram 2,6 milhões de metros cúbicos, o que equivale a quase 185 mil caminhões cheios. Enfileirados, eles chegariam de São Paulo até o Uruguai”, ilustra Resende.

A pasta investiu R\$ 490 milhões em dois anos de programa de desassoreamento do Tietê, que aumenta a capacidade de absorção das chuvas e mitiga o impacto das enchentes.

De acordo com Nocko, o trabalho de retirada desses resíduos é muito importante, mas precisa vir acompanhado da prevenção, ligada à coleta e à limpeza pública, ambos de competência dos municípios.

“É preciso primeiro trabalhar para prevenir o aporte desses resíduos no rio e depois tentar tirar o quanto antes possível”, explica. “Por isso sugerimos a implantação de ecobarreiras nos córregos, ou seja, mais perto dos locais onde esse aporte acontece.”

Para Hélio Suleiman, diretor-presidente da Fabhat, o estudo aponta que “as soluções precisam envolver tanto o poder público como a sociedade, já que o cidadão precisa cooperar também”.

Procurada, a Prefeitura de São Paulo disse fazer zeladoria de córregos e recolhimento de resí-

duos nesses locais. “A cidade conta com coleta de resíduos sólidos porta a porta em 100% do território, que é reforçada em alguns pontos com contêineres. O uso inadequado desses equipamentos com descarte de entulho e materiais diversos, entretanto, pode comprometer a eficiência do serviço”, afirma a gestão Ricardo Nunes (MDB).

O Consórcio Intermunicipal do Grande ABC, que reúne sete municípios da região, afirmou, em nota, que obteve em 2023 R\$ 1,9 milhão do Fehidro “para implementar projeto de sinalização visual com alertas visando proteção das áreas de manancial na região, que representam 56,4% do território do Grande ABC”. O objetivo da iniciativa é conscientizar a população para que não faça descarte irregular de resíduos.

Para o engenheiro Flávio de Miranda Ribeiro, consultor em economia circular e conselheiro do Pacto Global da ONU para a área, é preciso repensar as técnicas de coleta de resíduos num contexto de mudança climática.

“A estratégia de deixar o saco na calçada precisa ser repensada porque, quando chove muito, ele sai boiando, para além da questão estética e de higiene”, avalia.

“A coleta por contêineres alocados em quantidade suficiente e em locais estratégicos, seja em esquinas, seja em ecopontos, traz mais benefícios, apesar de custar mais caro porque exige esforço de quem faz a coleta.”

**Veículo:** Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo

**Seção:** Ambiente **Caderno:** A **Página:** 33